

MANCHA DE PHOMA EM DIFERENTES MATERIAIS DE CAFEIEIRO

K. E. Moura, Aluna Ciências Biológicas, PUCC Campinas, F. R. A. Patrício, Pesq. Científico, Instituto Biológico, mail:flavia@biologico.sp.gov.br, J. B. Matiello, S.R de Almeida e Iran B. Ferreira – Engs Agrs Pesquisadores da Fundação Procafé

A mancha de phoma é uma doença cuja importância tem aumentado nos últimos anos no Brasil. A doença incide sobre folhas, flores, frutos e mudas em formação. Nas folhas as lesões são escuras e irregulares e em folhas jovens podem ocorrer deformações no limbo foliar. A mancha de phoma também pode causar a mumificação e a queda dos frutos em formação. Nos ramos as lesões escuras atingem até 10 – 15 cm de comprimento. Nas mudas aparecem lesões no caule, que podem até matar a planta, tanto no viveiro, como no campo, logo após o transplante.

A mancha de phoma é favorecida por ventos frios, temperaturas baixas e elevada umidade, e pode causar graves prejuízos quando ocorrem chuvas finas e constantes no final do inverno e início da primavera. Os prejuízos para a cultura decorrem da redução da área foliar, morte de ramos produtivos, queima de inflorescências, queda de frutos e superbrotamento.

Em um estudo detalhado sobre as espécies de *Phoma* que ocorrem em cafeeiros no Brasil, Salgado & Pfenning (2000) verificaram que a espécie *Phoma tarda* é a que predomina associada às lesões características da mancha de phoma. A espécie *Phoma costarricensis* foi raramente detectada em materiais de café oriundos de algumas regiões do Estado de Minas Gerais, de altitude acima de 1000 metros.

Embora seja uma doença relevante para a cafeicultura brasileira, pouco se conhece sobre a resistência de cultivares à mancha de phoma. Por esta razão este estudo foi conduzido com o objetivo de avaliar a resistência de diferentes materiais à mancha de phoma em folhas destacadas.

Os isolados de *Phoma* spp. utilizados são provenientes dos municípios de Torrinha, SP (IBLF940) e Serra do Salitre, MG (IBLF 1166) e foram multiplicados em meio de aveia. Foram preparados sacos plásticos com oito folhas de café das cultivares Acauã Amarelo, Acauã Novo, Águia, Catuaí 62, Catucaí 24/137, Catucaí 25L, Catucaí 785/15, Clone 3, Clone 13/36, Icatu 3282, Japy e Saíra. Em cada folha foram colocados quatro discos de micélio (0,7 cm de diâmetro), retirados das bordas de colônias com aproximadamente 10 dias de idade, sendo inoculadas quatro folhas para cada isolado. Os sacos plásticos foram dispostos em BODs com as temperatura ajustada para 17°C, com a presença de luz. Nove e 12 dias após a inoculação foram contadas as lesões formadas em cada folha e também foi medido o diâmetro de cada lesão. O experimento foi realizado em delineamento inteiramente casualizado, com 13 tratamentos, sendo cada folha considerada uma repetição. Os dados foram submetidos a análise de variância e as médias comparadas pelo teste de Scott-Knott a 5% de probabilidade.

Resultados e conclusões

Os resultados obtidos da inoculação dos 2 isolados de Phoma, nos diferentes materiais genéticos de café estão colocados na tabela 1.

Tabela 1. Número de lesões por folha e tamanho médio das lesões de folhas de materiais de café inoculados com dois isolados de *Phoma* spp (Torrinha, SP) e isolado IBLF 1166 (Serra do Salitre, MG).

Cultivares	Isolado IBLF 940			Isolado IBLF 1166		
	Número lesões/folha	Tamanho médio lesões		Número lesões/folha	Tamanho médio lesões	
1. Acauã Amarelo	2,00 a	4,26a		0,50 c	1,13 b	
2. Acauã Novo	0,25 b	0,16 b		0,25 c	0,16 b	
3. Águia	1,50 a	3,92 a		0,50 c	0,46 b	
4. Catuaí 62	2,00 a	4,18 a		1,25 b	4,25 a	
5. Catucaí 24/137	0,75 b	1,10 b		2,00 b	4,80 a	
6. Catucaí 25L	1,25 a	3,67 a		1,75 b	3,92 a	
7. Catucaí 785/15	0,00 b	0,00 b		0,00 c	0,00 b	
8. Clone 3	1,00 a	0,80 b		4,00 a	6,78 a	
9. Clone 13/36	0,00 b	0,00 b		0,00 c	0,00 b	
10. Icatu 3282	0,00 b	0,00 b		0,25 c	0,70 b	
11. Japy	0,25 b	0,19 b		0,00 c	0,00 b	
12. Saíra	1,75 a	4,30 a		2,00 b	4,62 a	

Observou-se que os materiais Catucaí 785/15 e Clone 13/36 não apresentaram sintomas de mancha de phoma quando inoculados com ambos os isolados. Os materiais Acauã Novo, Icatu 3282 e Japy também apresentaram poucas lesões, comportando-se como resistentes à mancha de phoma. Os materiais Catuaí 62, Catucaí 24/137, Catucaí 25L, Clone 3 e Saíra foram mais suscetíveis à mancha de phoma. O isolado proveniente da Serra do Salitre, MG foi mais patogênico que o proveniente de Torrinha, SP. Estes resultados são preliminares, mas indicam que a resistência genética pode ser uma estratégia muito valiosa para o manejo da mancha de phoma, especialmente para os plantios em locais mais elevados, mais favoráveis à doença.

Com base no trabalho de inoculação efetuado, em condições de laboratório, **concluiu-se**, preliminarmente, que -

- Os materiais Catucaí 785/15, Clone 13/36, Acauã Novo, Icatu 3282 e Japy comportaram-se como resistentes à mancha de phoma.

- Os materiais Catuaí 62, Catucaí 24/137, Catucaí 25L, Clone 3, Águia e Saíra foram mais suscetíveis à mancha de phoma.